

## OS TRABALHOS E OS DIAS NA ANTIGUIDADE

Homero, Hesíodo e Virgílio: olhares diversos sobre o Homem e a Natureza.

Alves Fernandes

A proposta do nosso discurso é enlatizar a realidade contrária ao que se apresenta como um dos fundamentos da própria condição humana. Nem os deuses nem os animais trabalham, só o homem.

Nem por isso deve o trabalho ser considerado um castigo, nem os deuses, nem o cosmos, o pão com o suor do seu rosto, nem a punição do crime, nem a desobediência primária, nem a natureza, nesse contexto, é uma dessas contradições dialéticas fundamentais, entre a luz e a sombra, entre o real e o imaginário. Quando o homem apareceu na face da terra foi-lhe necessário procurar-se em busca da sua substância, enfrentando a alteridade dos elementos, das divindades e das condições.

2ª PARTE

sempre mais árdua ou mais amena na dependência dos gráficos e da variedade dos ritmos.

## ESTUDOS

O resto é poesia e filigrana mítica de que dispõe a fantasia humana para a leitura sem fim da nossa própria existência.

Para a visão ponderada do poeta de Arca, longe da maldição e maldição, o trabalho árduo dos campos é a fonte da vida, a fonte da vida e a indispensável fonte de energia para o desenvolvimento em busca do sucesso e do bem-estar.

Se para Homero os valores do trabalho e do bem-estar constituam a referência maior, como se a pátria grega, privilegiando o estamento aristocrático de Hesíodo, em Hesíodo dedica-se o eoz de sua atenção para o segmento social do mundo camponês - a vida da existência laboriosa do mundo do trabalho produtivo e fundamentalmente à sobrevivência da espécie.

Investindo na poesia o substrato espiritual da sua própria vida de camponês, de Hesíodo, contempla com "intelecto d'amore", de

## **Sânzio de Azevedo entrevista o consócio José Murilo Martins<sup>5</sup>**

Entrevistador: Acadêmico Sânzio de Azevedo

Entrevistado: Acadêmico José Murilo Martins

Data: 3 de dezembro de 2009.

**Sânzio** – Meu amigo Murilo, de algumas perguntas que lhe farei, já sei as respostas, mas elas precisam ficar registradas no Museu da Imagem e do Som. Agora, peço que diga o seu nome civil e o nome literário.

**Murilo** – Meu nome completo é José Murilo de Carvalho Martins, mas em todos os livros e artigos que escrevo uso só José Murilo Martins.

**Sânzio** – Em que dia, mês e ano nasceu e em que cidade?

**Murilo** – Nasci no dia 31 de março de 1929, na cidade de Caxias, Maranhão. Meu pai trabalhava lá e casou-se com uma maranhense. Tiveram sete filhos, sendo cinco caxienses e dois fortalezenses.

**Sânzio** – O nome de seus pais, por favor?

**Murilo** – Meu pai chamava-se Antônio Martins Filho ou como ele gostava de dizer: Antônio Martins de Jesus, o Filho e a minha mãe: Maria de Carvalho Martins. Ele começou a vida como caixeiro da Loja Pernambucana na cidade do Crato, Ceará. Seu desempenho no trabalho e gosto pelos estudos foi notado pelos seus superiores, os quais o indicaram para gerente em uma filial da casa em Caxias, Maranhão. Ele era, então, de menor e houve necessidade de uma licença do pai para poder assumir o cargo. Com ele na direção, aquela loja interiorana teve um grande impulso nas suas atividades comerciais. Poste-

---

5 Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som

riormente, estabeleceu-se em Caxias por conta própria com a Loja A Cearense. Nessa época foi fundada uma Faculdade de Direito em Teresina, Piauí. Meu pai cursou a referida Faculdade e após a formatura decidiu transferir seu domicílio para Fortaleza, onde moravam seus pais e irmãos. Mudou-se com a família para o Ceará em 1937, quando eu tinha oito anos. No nosso estado ele fez um extraordinário trabalho, principalmente na área da Educação. Um trabalho, que acredito ser inédito no mundo, pois fundou três universidades no Ceará. Há um ano visitei São Petersburgo, na Rússia. Quando relatei à guia turística que ele fora um educador e fundara três universidades no meu estado, ela curiosa questionou: "Três universidades?" Ante meu gesto afirmativo, exclamou: "Então a cidade em que você mora deve ter mudado de nome para Martins Filho?" Contristado informei: "Não. Até agora, nem o nome de uma rua ele teve direito!"

**Sânzio** – Por favor, conte-nos como foi a sua infância.

**Murilo** – Fiz o Jardim da Infância no Grupo Escolar João Lisboa em Caxias. Iniciei o primário no Ginásio Caxiense, onde meu pai era diretor e um dos fundadores. Em Fortaleza, estudei no Lourenço Filho (restante do primário e ginásio) e no Colégio Cearense (primeiro científico). No Rio concluí o científico e cursei medicina.

Diria que minha infância foi muito boa, brincava muito, principalmente com meu irmão Milton, que era um ano mais novo do que eu. Meu pai, logo que chegou a Fortaleza, comprou uma tipografia, a Editora Fortaleza. Passávamos o fim de semana brincando nela onde aprendi muita coisa das artes gráficas, tais como compor com tipos, imprimir curtas páginas, fazer meus cadernos e costurar livros. Só não podia tocar na guilhotina. Nessa época escrevi meu primeiro livro intitulado *História do Brasil*, o qual fora costurado por mim, numa página estava escrito o texto e, na outra, um desenho. A obra foi muito apreciada pelo jovem escritor Fran Martins. Infelizmente nada do que fiz naquela época ficou, pois tive difteria e por precaução, na minha convalescência, o médico mandou que tudo fosse jogado fora. Gostava

também de escrever histórias de mistério em quadrinhos, com desenhos meus. Meu herói predileto era o agente secreto X-9. Certa feita, o bandido tentou fugir em um navio da perseguição do meu valente detetive, o qual pegou um avião e ao chegar perto do barco fugitivo começou a soltar bombas em código de Morse mandando que ele se entregasse. Como não se rendeu o herói não hesitou: soltou uma certa bomba partindo o navio em dois, o qual afundou rapidamente. O grande problema era enfrentar a crítica do meu irmão e explicar como é possível jogar bombas em código Morse...

**Sânzio** – Como e quando lhe surgiu a idéia de ser médico?

**Murilo** – Na infância. Estava brincando com meu irmão, quando me aproximei de minha mãe e disse: “Eu quero, quando crescer, ser chofer de caminhão.” Com paciência ela ponderou: “Filho escolha outra, essa não é uma boa profissão.” Pouco depois voltei e disse resolutamente: “Mãe, quero ser médico e o Milton engenheiro.” Não sei por que disse isso, mas desde então dirigi minha vida para Medicina. A poetisa Neide Azevedo ao apresentar meu livro *Navegando no mar da Medicina* disse que eu era “médico por ordem divina”. Ela deve ter razão, foi uma iluminação divina que tive na infância! Como era um excelente aluno de Matemática, no terceiro científico surgiu uma dúvida: devo, realmente, seguir Medicina? A dúvida desapareceu completamente quando fiz o primeiro ano da Faculdade. Hoje digo com firmeza: amo a profissão que abracei.

**Sânzio** – Onde concluiu sua graduação em Medicina?

**Murilo** – Na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1953. Não havia Faculdade de Medicina no Ceará e os que desejassem seguir essa carreira tinham que ir para outros estados. As principais escolas médicas brasileiras estavam na Bahia, Rio e São Paulo. Optei pelo Rio de Janeiro onde morava meu tio Martins d’Alvarez. Era dentista, poeta e membro da Academia de Letras do

Ceará (não confundir com a Academia Cearense de Letras). Na década de trinta havia uma tendência dos grandes intelectuais mudarem o domicílio para a capital da República onde esperavam ter maiores oportunidades de vencer no mundo profissional e das letras e terem melhores colégios para educação dos filhos. Meu tio, realmente, venceu no sul do País como professor catedrático das Faculdades de Odontologia do Rio e de Niterói e reitor *pro-tempore* da Universidade de Goiás.

Passei oito anos estudando no Rio, dois no Colégio Andrews e seis na Faculdade. Quando fazia o primeiro ano do curso médico, fundaram uma Faculdade de Medicina no Ceará, mas preferi continuar na Cidade Maravilhosa, cuja escola médica tinha uma experiência de ensino de mais de cem anos. A Universidade do Brasil não tinha, naquela época, um Hospital das Clínicas próprio e meu treino médico foi feito no Hospital Moncorvo Filho, no Hospital Geral do Pronto Socorro e no SAMDU (Serviço de Assistência Médica e Domiciliar e de Urgência). Com o desejo de aprimorar meus estudos, depois de formado, segui para os Estados Unidos da América. Fiz o internato rotatório (rotating internship) em um hospital particular, em Chicago e a residência em Clínica Médica na Universidade de Kansas, em Kansas City. Meu treinamento nesse hospital universitário americano foi decisivo para minha vida profissional. Foi muito melhor trabalhar em Kansas, zona central dos Estados Unidos, do que treinar em uma cidade gigante como Nova York. O Centro Médico da Universidade de Kansas (KUMC) dava uma grande cobertura médica e de ensino à zona rural do estado e dos estados vizinhos. Vi de perto essa organização o que me permitiu aplicar esses ensinamentos na Universidade do Ceará. Fiz um total de três anos de residência, sendo o último em Hematologia.

**Sânzio** – Como você se habituou trabalhar em um país estrangeiro, falando uma língua que não é a sua?

**Murilo** – Fui para os Estados Unidos sabendo um pouco de inglês, porém não tinha prática de falar. Cheguei a ter algumas aulas de inglês médico, mas muito pouco. Como não havia outro brasileiro no hospital,

não tive outra opção a não ser falar inglês com os médicos, enfermeiras e doentes. Falar, ler, ouvir e escrever. O difícil era entender as crianças. Meu progresso foi rápido e cedo descobri que estava falando com desembaraço, automaticamente. Cheguei a sonhar em inglês. Quando encontrava um brasileiro trabalhando em outro hospital da cidade a nossa conversação acabava saindo uma mistura de línguas. Era comum uma frase como esta: *Fui para downtown e parqueei meu carro perto do lake*. O trabalho do hospital era duro e o interno tinha múltiplas obrigações: cuidava dos doentes internados, atendia as emergências, auxiliava cirurgia, fazia parto, escrevia as histórias dos pacientes novos, anotava seus exames complementares, administrava soro e sangue na veia, colocava cateter na bexiga, sonda no estômago, enfim fazia tudo. Foi exatamente nesse período que tive a idéia de escrever um livro descrevendo todas as atividades de um interno em um hospital americano. Escrevi, então, o meu *English for the foreign physician*, ou seja, *Inglês para o médico estrangeiro*, o qual planejava publicá-lo na nossa Imprensa Universitária. Meu chefe ficou entusiasmado quando viu o manuscrito e incentivou-me publicá-lo nos Estados Unidos, mas em inglês, pois seria de grande utilidade para todos os estudantes do mundo que desejassem estudar na América. Indicou, inicialmente, a Fundação Rockefeller, mas acabou sugerindo a Editora Charles C. Thomas. Terminei o livro quinze dias antes de concluir minha residência e mandei o manuscrito para a referida editora. A previsão é que ela levaria seis meses para analisar a viabilidade de ser aceito pelo público alvo. Para minha surpresa, quinze dias após recebi o contrato de publicação. Foi uma alegria geral no hospital, pois era a primeira vez que um residente publicava um livro, o qual foi lançado em 1960, simultaneamente, nos Estados Unidos, Canadá e Grã Bretanha. Fui muito feliz com essa obra, pois foram tirados, entre 1960 e 1974, mais de dez mil exemplares, ou seja, seis reimpressões. Em 1966 voltei aos Estados Unidos e assisti a uma sessão clínica no Hartford General Hospital, em Connecticut, onde encontrei vários estudantes estrangeiros alegres de me conhecerem, com meu livro na mão para autografá-los. Fiquei também muito feliz com uma breve notícia publicada no Jornal da Universidade de Kansas. Um professor japonês, que ensinava inglês médico na Universidade de Tóquio, ganhou uma bolsa para estudar nos Estados Unidos. Ele solicitou aos patrocinadores do

curso que o estágio fosse feito no Centro Médico da Universidade de Kansas, para conhecer o local onde eu havia trabalhado.

**Sânzio** – Murilo, eu nada entendo de estudos médicos, mas me chamou a atenção o fato de você ter publicado nos Estados Unidos um estudo sobre leucemia em peixes. Como foi isso?

**Murilo** – Não foi bem assim. Na verdade, publiquei dois trabalhos em inglês sobre o assunto, um no Brasil e o outro na Argentina. Pouco depois, o trabalho da revista brasileira foi citado num célebre livro americano de doenças de sangue. Esses estudos foram feitos no Instituto de Medicina Preventiva (IMEP), onde fui diretor no período de 1966 a 1969. Naquele período, como diretor do IMEP participava da Comissão Central de Pesquisas da UFC, que foi uma espécie de precursora da Pro-reitoria de Pesquisa, onde tive contato com o professor Melquíades Pinto Paiva, diretor da Estação de Biologia Marinha, depois denominada LABOMAR. Ele havia lido em vários trabalhos especializados sobre a eletroforese da hemoglobina, a qual era de fundamental importância no estudo da sistemática ictiológica. Planejamos imediatamente unir nossas forças e fazer um trabalho conjunto. Ao iniciarmos o estudo da eletroforese de hemoglobina sentimos que havia uma necessidade de conhecer melhor a hematologia do peixe fazendo também hemogramas. Para nossa surpresa o primeiro examinado apresentava cerca de um milhão de leucócitos. Devia ser um valor altíssimo, só que nós não sabíamos o que era normal. Passamos a fazer exames seriados em várias espécies e logo verificamos que a cifra de um milhão de leucócitos era muito alta e podia representar uma instância de leucemia naqueles animais. Estudamos um total de 800 peixes e encontramos sete com leucemia, sendo um deles com formas leucocitárias anormais (blastos) no sangue periférico. Sabíamos que a leucemia era freqüente em mamíferos e aves, mas não havia sido descrita em peixes. Como a doença também não havia sido descrita em répteis e anfíbios, tudo indicava havíamos dado um salto da incidência dessa enfermidade nessas duas classes de vertebrados. Questionamos a causa da doença ictiológica. Uma delas poderia ser a contaminação dos mares com poluentes, como derivados petróleo, inseticidas ou

mesmo substâncias radioativas. A literatura registrava alta incidência de peixes com câncer (principalmente do fígado e da boca) em águas poluídas. Escrevi sobre o assunto para um pesquisador que trabalhava na baía de Chesapeake, Estados Unidos. Respondeu-me que há muito tempo suspeitava haver leucemia ictiológica uma vez que, nas suas pesquisas encontrava sempre uma nata de leucócitos muito elevada nos hemogramas que fazia.

Nossos estudos foram feitos no IMEP e no Hospital das Clínicas tendo à frente as doutoras Maria Helena Pitombeira e Vânia Barreto Gomes. As pesquisas foram bem aceitas no meio científico a julgar pelo alto número de pedidos de separatas que recebemos de instituições do mundo inteiro, entre elas, do Smithsonian Institute, de Washington. No Brasil, esse trabalho teve grande repercussão após uma reportagem publicada sobre o assunto na revista *Veja* e em alguns jornais do Rio de Janeiro. Por causa dessas pesquisas passei muitos anos sem comer peixe, mas nunca encontramos provas de que doença seja transmitida aos humanos. Mesmo assim, ao ser criado o Curso de Oceanografia na UFC, eu estava no CONSUNI e sugeri que fosse criada uma disciplina para estudar melhor as doenças de peixes que, eventualmente, vão ser consumidos pela população.

**Sânzio** – Quanto ao magistério, você foi professor aqui e nos Estados Unidos?

**Murilo** – Quando era estudante no Rio de Janeiro descobri que gostava de ensinar e decidi ser professor de Medicina. Após a formatura continuei trabalhando no Hospital Moncorvo Filho como assistente voluntário de Clínica Médica do serviço do professor Capriglione. Em agosto de 1954 voltei para Fortaleza para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia, serviço do professor Jucá, o qual me indicou assistente voluntário da nova Faculdade de Medicina do Ceará. Cheguei a dar algumas aulas no nosso curso médico, mas logo viajei para os Estados Unidos para fazer o internato e a residência, conforme falei anteriormente. Como residente, dei algumas aulas aos estudantes

americanos, as quais foram muito apreciadas. Voltei para o Brasil em junho de 1959 num momento de grande importância para minha vida universitária. A Faculdade fora federalizada, passara a fazer parte da estrutura da nova Universidade do Ceará e o Hospital das Clínicas tinha sido transferido para o bairro do Porangabussú. Fui o pioneiro da Hematologia cearense. Fundei o serviço clínico da especialidade no Hospital das Clínicas e um laboratório no IMEP. Costumo dizer que comecei a especialidade trabalhando com um microscópio monocular e acabei como diretor de quatro hemocentros, bem estruturados e bem equipados. Fiz minha livre docência logo que cheguei dos Estados Unidos. O grau de doutor me permitiu que, em curto período de tempo, atingisse o pico da carreira de professor da UFC. Fui o mais novo titular da Congregação o que me deu a oportunidade de me relacionar bem com os professores antigos e com os novos. Trabalhei na área do Porangabussu no Hospital das Clínicas, no Instituto de Medicina Preventiva e no Hemoce. No hospital, fui o responsável pelo serviço de Hematologia e, em 1962, o primeiro chefe do internato e da residência de nossa escola. A introdução do internato no currículo de Medicina foi, a meu ver, o maior avanço do nosso ensino naquela época. Começou com força total e logo contou com o entusiasmo dos jovens assistentes da clínica, os professores Paulo Marcelo, Pessoa e Luis Carlos Fontenele. Após a instalação do internato e da residência no Hospital das Clínicas, os alunos formados na nossa escola, atingiram um bom nível, capazes de competirem com os alunos de outras escolas médicas do País. Na minha visão, para prática médica, a residência até certo ponto é melhor que o mestrado e o doutorado. Estas duas últimas eventualidades seriam mais indicadas para os que se destinam à carreira acadêmica. Assumi a vice-reitoria da UFC em 1995, ocasião em que saudoso constatei que havia passado trinta e cinco anos de minha vida ensinando e pesquisando naquele distante bairro da cidade de Fortaleza.

Fui também "clinical professor" do Programa Latino-Americano da Universidade de Miami. No início da década de oitenta indiquei um ex-aluno para ser residente de Clínica Médica naquela universidade, sob a direção de meu amigo William Harrington. Nosso ex-aluno foi

um excelente residente ao ponto do professor Harrington, certo de que teríamos outros bons alunos, indicar meu nome para professor do referido programa. Minha função era escolher e entrevistar alunos para fazerem estágios como internos ou residentes no Jackson Memorial Hospital - o hospital das clínicas daquela famosa universidade americana. Fui professor de Miami por mais de vinte anos, entrevistei 108 candidatos e mandei para estagiar naquele hospital mais de 70 alunos. A professora Elizabeth Daher substituiu-me nesta posição e nossa escola é muito bem conceituada em Miami. Alguns alunos de Faculdades de Medicina do nordeste também se beneficiaram com este programa.

**Sânzio** – Queria que você falasse sobre o Hemoce.

**Murilo** – Como disse fui o primeiro a fazer Hematologia no Ceará. Logo que voltei do meu estágio na América recebi um conselho do professor e amigo Joaquim Eduardo de Alencar: "Se você deseja ter um bom serviço é necessário formar pessoal." Segui a risca o ensinamento do mestre, pois formei, entre médicos e farmacêuticos, mais de cem especialistas na área, sem contar com o pessoal de nível técnico. A nossa Hematologia era exercida no Hospital das Clínicas (ambulatório, enfermaria e laboratório central) e no laboratório de pesquisas do IMEP. Nessa última instituição além dos trabalhos de peixe fizemos estudos sobre doenças parasitárias principalmente calazar, que era muito freqüente no estado.

Na década de setenta a Nação tomou consciência da profundidade do problema da transmissão de doenças graves através das doações de sangue, como hepatite B, doença de Chagas, malária, sífilis e filariose. Para poder enfrentar esse importante problema muitos estados brasileiros construíram seus hemocentros, os quais seriam unidades especializadas onde pudessem ser feitos a centralização da coleta, a sorologia do sangue coletado, o armazenamento e a distribuição do produto, procurando evitar a falta dos sangues raros. O grande objetivo baseava-se no binômio em que o sangue doado não fizesse mal ao

doador e/ou ao receptor e para atingir o objetivo era necessário usar sempre o doador voluntário, abolindo o remunerado. O hemocentro seria também uma unidade onde pudesse ser feito o tratamento das doenças hematológicas, ensino e pesquisa. Coube a iniciativa de criar um hemocentro no Ceará ao professor Lúcio Alcântara, secretário de Saúde do governador Adauto Bezerra. O projeto de criação teve o doutor Galba Araújo como coordenador geral e recebeu um grande apoio do nosso Serviço de Hematologia, o qual era por mim liderado. Para preparar nosso pessoal para o grande empreendimento o professor Lúcio Alcântara conseguiu duas bolsas de estudo com o governo francês: uma para o Dr. Ormando Campos para fazer Hemoterapia em Montpellier, França e a outra em Hematologia para Dra. Maria Helena Pitombeira, que foi para o serviço do professor Jean Bernard, em Paris.

O Hemoce foi inaugurado em março de 1979 e ficou parado até 1984, ocasião em que foi cedido em comodato para Universidade Federal do Ceará para ser gerido pela Sociedade de Assistência Médica Assis Chateaubriand – SAMEAC, em conjunto com o Hospital Universitário e a Maternidade Escola. O primeiro diretor do Hemocentro foi o professor Luiz Carlos Fontenele que logo após convidou-me para exercer a vice-diretoria. Foi na gestão do Luiz Carlos que o Hemoce fez sua primeira coleta e transfusão de sangue. O Centro estruturou o setor administrativo e assumiu a responsabilidade hemoterápica de alguns hospitais públicos. Nessa ocasião iniciamos nosso primeiro Curso de Especialização em Hematologia e Hemoterapia para médicos e farmacêuticos. A formação de especialistas foi decisiva para montarmos uma cadeia de hemocentros no Ceará.

O grande problema de um hemocentro era o financiamento de suas atividades. Até então todo o sangue usado pelos hospitais do governo era adquirido dos serviços de hemoterapia particulares da cidade, enquanto os hemocentros, recém construídos, não tinham credenciamento junto ao INAMPS e, portanto, ficavam parados. Mudando de política o governo, no início da década de oitenta, decidiu que os hemocentros brasileiros deveriam ser os responsáveis por toda atividade hemoterápica governamental.

Fui o segundo diretor e, logo após minha posse, consegui entrar nas Ações Integradas de Saúde - AIS, fundamental para o funcionamento do centro. Isso nos permitiu assumir lentamente a responsabilidade hemoterápica de toda a rede pública do nosso estado.

Após conseguir o financiamento das atividades rotineiras do Hemocentro minha preocupação voltou-se para expansão do sangue para o interior. Fortaleza contava com várias unidades hemoterápicas particulares as quais faziam uma boa hemoterapia. Urgia que cuidássemos do interior, principalmente porque a AIDS passara a ser um grande problema de saúde pública. Quando Dr. Carlile Lavor assumiu a Secretaria de Saúde do governador Tasso Jereissati levamos o problema a ele, expondo nosso desejo de criar dois hemocentros no interior: um no Crato e o outro em Sobral. Um mês após, o secretário nos informou que BNDES, com vista ao social, estava financiando algumas unidades de sangue no Brasil. Preparamos um projeto para a construção de quatro hemocentros no interior do estado localizados nas cidades de Sobral, Crato (Cariri), Iguatu e Quixadá. Somente os dois primeiros foram aprovados, mas foi uma grande vitória uma vez que, no Brasil, somente três estados receberam ajuda do BNDES: São Paulo, Pernambuco e o Ceará. O hemocentro de Iguatu foi construído na minha gestão e posteriormente foram construídos o hemocentro de Quixadá e o hemonúcleo de Juazeiro. Esse trabalho nos possibilitou dar uma cobertura total de sangue em todo estado do Ceará. Todas essas unidades estão funcionando graças a nossa preocupação de formar pessoal de nível superior e técnico.

**Sânzio** – Murilo, que medalhas ou outras condecorações você recebeu por seus trabalhos no campo da hematologia?

**Murilo** – Recebi da Faculdade de Medicina da UFC a Medalha Jurandir Picanço e, da Câmara dos Vereadores, a Medalha Boticário Ferreira, em virtude de minha atividade clínica no campo da Hematologia; a Universidade Federal do Ceará concedeu-me as Medalhas Martins Filho do Cinquentenário da instituição e a do Mérito Científico; a

Academia Cearense de Farmácia honrou-me com a Medalha Rodolfo Teófilo pelo grande trabalho de ensino dedicado aos farmacêuticos; a UNIFOR deu-me a Comenda do Mérito Médico; finalmente, o Colégio Brasileiro de Hematologia, ofertou-me uma placa pela contribuição que fiz à Hematologia brasileira. Outras honrarias que recebi foram: o Troféu Benfeitor da Criança da Cidade - FUNCI, da Prefeitura Municipal de Fortaleza e o Troféu Sereia de Ouro 98, do Grupo Edson Queiroz. Não recebi medalhas do estado, porém a Assembléia Legislativa concedeu-me o título de Cidadão Cearense.

**Sânzio** – Olha, *Medicina, Meu Amor*, de 1991, livro de contos e crônicas que já tem três edições, versa naturalmente sobre casos ligados à Medicina, aí eu pergunto todos os casos, todas as histórias que você conta tem fundamento na realidade ou muitos são inventados?

**Murilo** – Em geral muitas histórias médicas se baseiam em fatos reais. É muito difícil inventar em Medicina. *A Morte de Ivan Ilitch*, de Tolstoi é um exemplo típico dessa afirmativa. Trata-se do caso de um juiz com uma massa no abdômen que evolui lentamente até levá-lo ao êxito letal. A narrativa é muito sugestiva de um câncer. Como o sogro do escritor era médico e sendo a história tão real é possível imaginar ser um caso verdadeiro, visto também pelo escritor russo e descrito magistralmente naquela novela. Os casos encontrados na obra de Tchekov têm sempre um fundamento médico. Outro exemplo de realidade médica na literatura é a descrição da morte de Madame Bovary com arsênio, por Flaubert. É tão típica a narrativa do suicídio que me faz crer ter o autor visto um caso semelhante antes de narrá-lo no seu livro. Exceção seja feita a Kafka. Na narrativa do *Médico rural*, ele inventa tanto que custei descobrir que o doente padecia de miíase, ou seja, uma ferida com larvas de moscas implantadas. A descrição do doente é muito rápida, está perdida na narrativa de Kafka.

Como disse, a maioria das histórias médicas descritas nos meus livros é baseada em fatos verdadeiros. Às vezes invento muito ao ponto de quando, meses após, eu as releio, questiono onde está a verdade e onde usei a imaginação. Sempre procurei escrever de forma simples

procurando ressaltar os pontos inusitados dos casos apresentados. Isso facilita o entendimento de minhas histórias pelos leigos em Medicina.

**Sânzio** – Agora eu lhe pergunto, o livro é de 1991, a primeira edição; você já vinha fazendo conto há mais tempo?

**Murilo** – Sempre gostei de Literatura. Quando estava no científico fiz um soneto, o qual deve ter sido muito ruim, pois meu pai nunca fez comentários sobre ele. De volta da América dediquei-me à Medicina, ocasião em que escrevi muitos artigos de pesquisas científicas. Na década de oitenta, nas horas vagas, comecei a escrever histórias médicas. Datam desta época meus primeiros contos e crônicas do livro *Medicina, meu amor*. No início era prolixo, mas cedo verifiquei que os melhores eram curtos e simples. Aos poucos fui me lembrando de episódios interessantes da vida médica que mereciam ser narrados. Fiz uma lista deles, escrevi oitenta histórias e as reuni naquele livro. Minha filha, professora de Português, foi uma excelente crítica de meus contos. Sugeriu que eu escrevesse um romance, mas não tive sucesso uma vez que, sendo médico, tenho a tendência de escrever de maneira sucinta.

**Sânzio** – Quando organizei a *Antologia da Academia Cearense de Letras* em 1994, escolhi desse seu livro duas narrativas: *Discordo do colega* e *Mister Smith s'il vous plaît*. A primeira é comovente, é o pai que prefere...

**Murilo** – São duas histórias baseadas em fatos verdadeiros. A primeira foi narrada em sala de aula pelo meu professor de Pediatria onde mostra uma comovente história de um médico interiorano. Em resumo, esse médico, após longos anos trabalhando sozinho em uma pequena cidade do interior sentiu, um dia, que estava desatualizado dos progressos da profissão. Anos após, seu filho recém formado em Medicina, voltou para ajudá-lo no cuidado com os doentes. Notou, então, com muita tristeza, que os clientes queriam ser atendidos somente por ele, apesar do filho ser um exímio conhecedor de todas as novidades da ciência de Hipócrates. Numa noite, juntos, vão atender uma criança com difteria. O caso era grave, tinha miocardite em es-

tado avançado. O médico novo, pressionado pela família, achou que o doentinho poderia falecer no meio da noite, pois foram chamados muito tarde. Vendo a ansiedade da mãe, o velho médico interiorano examinou o doente e com veemência disse: "discordo do colega" e garantiu que ele estaria bom ao amanhecer. Na volta os dois discutiram e o pai confirmou a gravidade da doença e que, de propósito, mentira para a família aflita. A criança deveria falecer na madrugada e todos veriam que o "velho" estava desatualizado e passariam, então, a ser atendidos pelo filho. Concluiu que, agindo daquela maneira, estava fazendo mais um favor àquela pequenina cidade.

**Sânzio** – E essa do Mr. Smith que achei genial?

**Murilo** – É uma história verídica de um cardiologista cearense que após um estágio na França não perdia uma oportunidade para falar em francês. Após assistir uma conferência sobre coronariografia quis tirar algumas dúvidas com o palestrante americano. Como não sabia bem o inglês, pediu ajuda a um colega gaúcho. Ele faria a pergunta em francês e o colega passaria para o inglês. O sulista, então, questionou: "Por que você não faz a mim a pergunta mesmo em português?"

**Sânzio** – Essa foi um horror!

**Murilo** – Revendo o livro *Medicina, meu amor*, encontro várias histórias que gosto. Muitas delas são verdadeiras lições para os estudantes de Medicina.

**Sânzio** – Eu citei logo uma triste e até trágica e uma cômica. Você fez isso espontaneamente ou pensou em *Charles Chaplin*?

**Murilo** – Espontaneamente. Dividi o livro em cinco partes fazendo uma ampla cobertura, da *Vida de estudante* para terminar com as edificantes narrativas dos *Filhos de Hipocrates*. Conteí várias histórias de calouros e da vida estudantil dando ênfase ao *Passeio de ambulância*.

Naquela época era consenso que, para ser um bom médico, precisava ter um bom treino em serviço de emergência. As parturientes em trabalho de parto eram removidas para os hospitais pelos acadêmicos, mas muitos partos acabavam sendo feitos nas ambulâncias. Em *Cruze as pernas, por favor* relatei os vexames que passei quando, sozinho, fiz o primeiro parto. Outra obrigação dos acadêmicos era atender doentes nos morros. Naquela época já havia perigo nesses chamados e cheguei atender um caso no morro de Mangueira com um 38 na minha cintura. Um engracadinho perguntou-me se ia para uma guerra ou atender um ferido?

Em *Obrigado, doutor* narrei várias histórias sublimes da vida de médico. Descrevi o caso de uma paciente humilde que padecia de leucemia e era examinada diariamente por mim e a Dra. Pitombeira. O caso era grave e ao se sentir muito doente ela confidenciou à doutora que era solteira, sem instrução e fazia parte de uma grande família. Mantida economicamente pelos irmãos, só se lembravam dela quando necessitavam dos seus serviços caseiros. Nunca pediam sua opinião sobre os problemas da família. Sentia que sua situação era séria, mas ia morrer feliz, pois pela primeira vez na vida, duas pessoas importantes (Dra. Helena e eu) estavam preocupadas com ela. Terminou por beijar a médica dizendo: "Obrigada, doutora!" Em resumo, uma história dramática de uma pessoa humilde que ao morrer sentia-se feliz por ter sido alvo da atenção de dois professores. Selecionei outras lindas histórias vividas por mim e por outros colegas no exercício da profissão médica e descrevi-as no livro.

Fiquei surpreso e feliz pela aceitação de *Medicina, meu amor*. Logo após o lançamento uma farmacêutica me disse que passara a noite acordada lendo meu livro e fora dormir somente após passar a última página. Dei a um colega antes de viajar para São Paulo um exemplar do mesmo. Ele depois me confidenciou que desejou muito o atraso do avião para poder terminar de ler o livro.

Em resumo, *Medicina, meu amor* tem mais histórias baseadas em fatos reais do que ficção. Meu grande objetivo era mostrar aos leitores as belezas da Medicina!

**Sânzio** – Você publicou nada menos de cinco volumes, fartamente documentados, de 1998 a 2003, sob o título *Faculdade de Medicina da UFC, Professores e Médicos Graduados*. No quinto volume da obra há um levantamento estatístico com várias tabelas, abrangendo meio século da Faculdade. Quanto tempo você gastou nessa pesquisa?

**Murilo** – Levei cerca de oito anos para coletar os dados, analisar, escrever e publicar os cinco volumes. A ideia da obra surgiu quando fui escolhido pelo reitor Roberto Cláudio para presidir a comissão encarregada de organizar as festividades do cinquentenário de fundação da Faculdade de Medicina do Ceará. No estudo consegui a biografia médica de todos os 427 professores da Faculdade e de 2.868 (55,9%) dos 5.133 alunos que graduaram pela nossa escola no período de cinquenta anos. Digo brincando que coletei mais biografias que o Barão de Studart no seu célebre *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*. As biografias levantadas me serviram para fazer um banco de dados usado nas tabelas apresentadas no 5º volume. Apresentei algumas estatísticas interessantes na área do ensino tais como: dos 396 professores médicos de nossa escola, 256 (64,6%) foram formados no Ceará, o que mostra a preocupação dos nossos fundadores de formar uma equipe para substituí-los após a aposentadoria; os hospitais públicos de Fortaleza oferecem 2.542 leitos para o ensino de graduação e pós-graduação (residência), permitindo treinar bem nossos alunos e dar uma melhor assistência aos nossos doentes; finalmente, mostrei que no período houve uma melhor qualificação do nosso corpo docente, pois em 1960 somente 0,8% de nossos professores tinham mestrado e doutorado e, em 1997, 70,9% eram mestres e 51,3% doutores. Outras estatísticas interessantes foram apresentadas.

**Sânzio** – Em 2004, você publicou o livro *O Rotariano Martins Filho*, diga-nos alguma coisa sobre essa obra imortalizando uma das muitas facetas do seu ilustre pai.

**Murilo** – Em 2004, ano do centenário de nascimento de meu pai, fui convidado pelo presidente do Rotary Clube de Fortaleza para

escrever uma crônica e fazer uma palestra sobre sua pessoa como rotariano. Para poder apresentar dados precisos, consultei os boletins semanais do clube arquivados na sua sede, editados desde a sua fundação. Ao analisar esse cabedal de informações fiquei impressionado com o formidável trabalho por ele realizado pela causa da Educação. Era muito difícil resumir o que fez em uma conferência e por essa razão decidi registrar esse trabalho em um livro.

Martins Filho ingressou no Rotary em 1939 e foi presidente do mesmo no ano rotário de 1946/47. No decurso de sua gestão todas as atividades do clube foram orientadas no sentido de estimular a educação integral da juventude. Foram programadas 54 conferências, todas elas sobre problemas educacionais. Entre os vários temas discutidos foi questionado se comportaria o funcionamento das Faculdades de Medicina e de Engenharia no Ceará. Houve calorosa discussão, mas a de Medicina acabou sendo fundada em 1946 e a de Engenharia em 1955. Foi também na tribuna do Rotary que o futuro reitor iniciou sua luta por uma universidade no Ceará.

Havia um grande atraso no ensino superior no nosso estado no fim do século XIX. O nível de ensino mais elevado era ministrado no Liceu do Ceará e os seus mestres, com orgulho, ostentavam nos seus trabalhos o título de professor daquela entidade. Nossa primeira escola de nível superior foi a Faculdade Livre de Direito, fundada em 1903. Até então todos aqueles que desejassem fazer Direito tinham que estudar fora, principalmente em Recife. Este fato pode ser observado quando se estuda as biografias dos membros da Academia Cearense de Letras. Tomás Pompeu, Antônio Augusto e Farias Brito, fundadores da Academia Cearense, batalharam muito pela fundação dessa Faculdade de Direito.

**Sânzio** – No governo Acioli.

**Murilo** – O próprio Acioli era o diretor.

**Sânzio** – Tomás Pompeu era genro dele.

**Murilo** – Acredito que era cunhado. O acadêmico Rodrigues de Carvalho fez parte da primeira turma da nossa Faculdade Livre de Direito. A seguir foram instituídas a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Escola de Agronomia. Só na década de quarenta é que foi criada a primeira Faculdade de Letras. Hoje temos um grande número de cursos de graduação, graças ao funcionamento da Universidade Federal do Ceará, fundada em 1954, tendo Martins Filho como primeiro reitor.

Fiz uma estatística das profissões dos membros da ACL e verifiquei que a maioria era formada de bacharéis em Direito (50%) e depois de autodidatas (14,9%). Artur Eduardo Benevides, depois de graduado em Ciências Jurídicas, foi o primeiro a fazer o curso de Letras,

**Sânzio** – Na Faculdade de Filosofia do Ceará.

**Murilo** – Sim. Hoje 11% dos acadêmicos são graduados em Letras.

**Sânzio** – Murilo, *Navegando no mar da Medicina*, neste ano de 2009, reúne; como você diz na capa do livro, casos, contos e crônicas. Na sua opinião qual é a diferença entre esses termos, eu sei que é difícil, mas casos, contos e crônicas?

**Murilo** – Contos e crônicas é fácil de entender. A ideia de botar no subtítulo a palavra casos veio de minha experiência de bate-papos com amigos. Quando a conversa recaía sobre Medicina era comum eu narrar, guardando o devido sigilo médico, a história de um doente. Nessa ocasião ficava admirado como a simples descrição de um caso era capaz de atrair a atenção dos ouvintes, tanto como faz a leitura de um bom conto ao ávido leitor. Meu tio Fran Martins gostava muito de conversar comigo e ouvir minhas histórias médicas. O capítulo *Mate meu filho, por favor*, é o exemplo típico de um caso no meu livro. É uma descrição verdadeira de tudo que aconteceu. Foi dramático ouvir o pai, ao ver o filho com uma convulsão atrás da outra, sair gritando

pelos corredores do hospital pedindo que eu matasse seu filho, por favor! Minha ideia com isso era mostrar que um médico dispõe, nas suas obras, de mais um tipo de narração: o caso clínico.

O conto que mais gosto no livro é *Ele não devia ter dito isto*. A ideia do mesmo surgiu ao ouvir um doente irritado gritar para um amigo: "Está com pena de mim? Aposto que você vai morrer primeiro do que eu e ainda vou mijar no seu caixão!" Isso foi o suficiente para eu delinear um conto sobre um indivíduo neurótico, que tivesse medo de praga e passasse maus momentos procurando evitar a morte do amigo de saúde precária, temendo morrer antes dele. A história narrada não é real, foi produto da imaginação. Diferente de outros, neste recebi um "mote" e fiz dele um conto. Como disse anteriormente, nas outras narrações existe sempre um pouco do real.

**Sânzio** – Fale-nos do seu ingresso na Academia Cearense de Letras.

**Murilo** – Cláudio Martins, meu tio, esteve um período doente e, com frequência ia visitá-lo no hospital. Um dia ele me questionou por que não concorria a uma vaga na Academia Cearense de Letras. Informei que tinha somente três livros: *English for the Foreign Physician*, publicado nos Estados Unidos, o qual estava na sexta impressão; o *Médico Antônio Jucá* e *Medicina, meu amor*. Acrescentei que não havia escrito um trabalho sobre tema literário. Meus trabalhos versavam sobre temas científicos como calazar, leucemia, linfomas, anemia etc. O presidente ponderou que a Academia não era somente de Letras como também de Ciências em geral. Lembrou que na fundação ela era denominada Academia Cearense e contava com a participação de advogados, engenheiros, médicos, militares etc. No início o estatuto previa a formação de dez comissões entre as quais as de ciências sociológicas, ciências matemáticas e físicas e ciências biológicas. "Seu livro *Medicina, meu amor* - disse ele - foi muito bem aceito". Comentou que sua esposa Irene só largou o mesmo quando acabou de ler. Você tem muitos trabalhos científicos que poderia apresentar. Existe

uma vaga na Academia, a do Joryvar Macedo, o qual além de ensaísta e poeta foi um grande pesquisador e gostaria de ser lembrado como tal. Candidatei-me à vaga do Joryvar e fui eleito. No convívio com os acadêmicos aprendi muito na Academia. Você, Sânzio, tem sido um grande amigo com quem cresci muito no mundo das Letras. Os cursos ofertados pela Academia foram importantes para o meu aprendizado.

**Sânzio** – Você não só entrou na Academia como foi presidente e um dos melhores presidentes da Academia Cearense de Letras.

**Murilo** – Quando assumi a direção da ACL já possuía uma boa experiência administrativa, pois fui diretor do Instituto de Medicina Preventiva – IMEP e do HEMOCE. Nessas instituições sempre fui moderado, ouvia opiniões, mas gostava sempre de implantar ideias novas. Ao assumir a presidência notei que Academia recebia diariamente um grande número de visitas, principalmente de alunos de colégios da cidade. Os visitantes ao percorrerem a casa viam os retratos dos fundadores e julgavam que eram os acadêmicos ocupantes das cadeiras da instituição. Foi quando decidi criar uma galeria dos atuais acadêmicos com o objetivo do público conhecer melhor aqueles que atualmente fazem a mais antiga Academia de Letras do Brasil. Notei, também, que muitos acadêmicos depois de mortos eram esquecidos. Fran Martins e Filgueiras Lima, famosos no passado, não eram mais lembrados na instituição. Poucos sabiam que Aderbal Sales, Argos Vasconcelos, Macambira e mais de cem outros tinham sido membros ativos da ACL e estavam relegados ao esquecimento na própria casa em que atuaram. Tive então a ideia de dedicar um espaço para ser o Memorial da Academia.

**Sânzio** – Quando o acadêmico morre seu retrato passa da galeria para o memorial, como o Costa Matos?

**Murilo** – Verdade. Dessa maneira ele não ficará esquecido como era antigamente.

**Sânzio** – Mas Murilo você exerceu dois mandatos, mas ao contrário de Hugo Chávez, você criou dentro do estatuto um veto à reeleição.

**Murilo** – Tenho medo de chefias prolongadas, pois pode haver uma cristalização de atividades. Pensei dessa maneira toda a minha vida. Fui chefe do Departamento de Medicina Clínica na Faculdade de Medicina, onde fiz muitas inovações. Depois de dois anos fiz questão de passar o cargo a outro. Uma exceção foi o HEMOCE onde permaneci nove anos na direção. No fim desse período notei que havia uma dependência de mim muito grande. Foi nessa época que o reitor Roberto Cláudio me convidou para participar de sua administração como vice-reitor. Na minha gestão na Academia, além das galerias, consegui a doação de livros de vários acadêmicos como Fran Martins, Lúcia Fernandes Martins, Valdivino de Carvalho, João Clímaco Bezerra e Milton Dias. Aumentei nossa biblioteca com mais de dez mil volumes ao custo zero. Consegui também uma obra inédita do Papi Júnior e a correspondência do Milton Dias, entre elas, com o pintor Bandeira. O Pedro Henrique, que me substituiu, está dando sua contribuição, com iniciativas diferentes da minha, o que é salutar. Sou favorável a renovação, dar oportunidade a todos!

**Sânzio** – Neste ano de 2009, você publicou o livro *Poetas da Academia Cearense de Letras*. Geralmente as antologias refletem o gosto do antologista, e essa não, pelo menos em grande parte você pediu ao próprio poeta quando vivo que escolhesse o seu poema, aos parentes dos que morreram os melhores trabalhos e por ai vai.

**Murilo** – Na verdade não sou antologista e encarei esse trabalho com a visão de um pesquisador. A ideia de escrever um livro sobre os poetas de nosso sodalício surgiu no decurso de uma conversa com o professor Antônio Filgueiras Lima, filho do meu querido mestre Filgueiras Lima. Iniciei o estudo fazendo um levantamento de todos os membros de nosso sodalício e constatei que cerca de cinquenta por cento deles eram poetas ou, em uma fase da vida, foram dedicados às musas. Decidido fazer a antologia solicitei aos atuais poetas

que me enviassem suas composições prediletas e aos familiares e amigos dos falecidos que escolhessem os poemas de que mais gostavam. Como disse na introdução da obra "a ideia era que, na medida do possível, não prevalecessem as preferências do organizador do livro e tão somente o pensamento poético de nossa centenária sociedade." Foi instintiva a minha deliberação, mas acredito que de certa forma recebi influência sua pois na Antologia do Centenário de fundação da Academia Cearense de Letras, por você organizada, em 1994, o caro amigo também solicitou aos acadêmicos que enviassem seus melhores trabalhos.

Gostaria de registrar nesse momento a grande ajuda que recebi de você em inúmeras etapas da organização do livro dos poetas da Academia Cearense de Letras. Graças a sua colaboração tive acesso a seus artigos publicados no jornal O POVO cuja leitura foi importante para elaboração do trabalho. Outros amigos também colaboraram com a obra, entre eles, Pedro Paulo Montenegro, Pedro Henrique Saraiva Leão, Madalena Figueiredo e Regina Pamplona.

**Sânzio** – Mas quero que fique registrado aqui, não se trata de retribuição de elogios, mas você mergulhou a fundo na história da Academia, inclusive consultando atas e a introdução do livro dos poetas demonstra que você conhece a Academia de ponta a ponta.

**Murilo** – Quando assumi a presidência da Academia cedo verifiquei que necessitava conhecer melhor sua história. Isso foi, para mim, de grande utilidade. Certa ocasião, um colega do Instituto do Ceará me disse que a ACL não era mais a mesma de 1894, pois no início era Academia Cearense e hoje mudara de nome para Academia Cearense de Letras. Lembrei que existem vários critérios para uma instituição encerrar suas atividades, tais como, uma sessão final de encerramento e, seguindo os estatutos, destinar os bens para outra entidade cultural. Isso não aconteceu com o nosso sodalício. Por outro lado o Instituto do Ceará também mudara de nome para Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico e ninguém questiona que ele seja outra instituição, diferente da fundada em 1887.

Ao estudar a história da Academia fiz o seguinte questionamento: "Como se explica que uma entidade cultural tão importante sofra três processos de esvaziamento necessitando de reorganizações para voltar a funcionar. Encontrei três motivos: mudança de domicílio de acadêmicos para outros estados, não reposição imediata das vagas surgidas e a falta de sede da instituição. Mais de trinta membros da Academia mudaram de domicílio para a Amazônia ou para o sul do País, por questões econômicas, políticas, transferência de emprego para a capital da República, necessidade de bons colégios para os filhos e muitos com o sonho de ingressarem nas grandes instituições culturais do Brasil. A não reposição imediata das vagas surgidas contribuiu para os esvaziamentos. Finalmente, a falta de uma sede influiu bastante no funcionamento de uma Academia. A Academia Pernambucana de Letras passou mais de dez anos sem funcionar por falta de sede, o mesmo acontecendo com a própria Academia Brasileira de Letras, que no começo do século XX ficou um ano sem ter reunião. Até ir para o Palácio da Luz a Academia Cearense de Letras teve onze sedes. Tive outras informações interessantes ao fazer a revisão da história da Academia. Justiniano de Serpa que foi um grande baluarte na reorganização de 1922, até certo ponto, contribuiu com o primeiro esvaziamento. Assim, logo após a fundação da Academia Cearense ele teve que mudar seu domicílio para o Pará, onde, por mais de vinte anos, foi deputado federal por aquele estado. Ao voltar para o Ceará, elegeu-se governador e, em conjunto com Leonardo Mota, liderou a primeira reorganização da Academia.

**Sânzio** – Ele morreu logo após essa reorganização, em 1924.

**Murilo** – Morreu em 1923, no sul do País, onde fora em busca de tratamento para o seu mal. Revendo a história do sodalício encontrei outros dados interessantes: no início muitos acadêmicos foram para a Amazônia como Justiniano de Serpa, Antônio Bezerra, Farias Brito, Drumond da Costa, Quintino Cunha e Soares Bulcão. Era a ép-

oca da borracha. Posteriormente foram para o sul do Brasil, principalmente Rio e São Paulo. A partir de 1954 esse fenômeno de mudança de domicílio diminuiu, provavelmente devido à fundação da primeira universidade no Ceará.

**Sânzio** – Murilo, você me falou mais de uma vez num estudo que está fazendo ou pretende fazer, sobre a ocorrência de doenças em obras literárias nacionais ou estrangeiras, esse estudo irá um dia se transformar em livro?

**Murilo** – É um assunto que me interessa muito e já publiquei uns trabalhos sobre o assunto como *A retirada da Laguna e o cólera-morbo*, o antimônio no *Dom Juan*, de Molière, *A Medicina de Manuel Bandeira e Medicina e Literatura*. Neste último, publicado na antologia da ACL, apresento os métodos por mim adotados nesse estudo. Em todos os livros que leio assinalo na última página os nomes médicos e os das doenças encontrados no texto. Isso me facilita levantar com rapidez as referências de um estudo que desejo publicar. Interessei-me certa ocasião pela palavra apoplexia, que significa hemorragia cerebral, entidade descrita pela primeira vez por Wepfer, em 1658. Ela foi muito usada pelos autores no passado como Machado de Assis, Guy de Maupassant e Eça de Queiroz. Esse último autor, por exemplo, fulmina cinco personagens com apoplexia no início do romance *O crime do Padre Amaro*. A Medicina atual mudou esse termo por acidente vascular cerebral, AVC ou derrame cerebral, o que foi seguido por alguns escritores contemporâneos. Cito dois exemplos: Érico Veríssimo e Batista de Lima, os quais empregaram, respectivamente, os termos derrame cerebral, em *Incidente em Antares* e derrame com banda morta, em *Pescador do Tabocal*.

**Sânzio** – Rodolfo Teófilo está cheio de citações médicas.

**Murilo** – Realmente, e pode-se aprender muito com ele. Merece destaque uma importante observação de Rodolfo Teófilo no livro *Violação*, onde o autor descreve uma epidemia do cólera-morbo em Fortaleza. Ele relata que os urubus não comiam as vísceras das pessoas

mortas pela doença, porque um deles havia comido um defunto e morrido após isso. Era totalmente diferente da varíola, pois é conhecida a disputa de urubus com os cachorros pelas vísceras dos mortos insepultos no fatídico dia 10 de dezembro de 1878. Fiz uma revisão do assunto e verifiquei que o cólera-morbo pode incidir tanto no homem como em outros animais, como o porco e aves. Nos Estados Unidos, fiscais sanitários encontraram no comércio uma grande quantidade de carne de peru contaminada pelo bacilo do cólera-morbo e todo material foi apreendido e destruído. A leitura desse livro me deu esse ensinamento médico interessante.

**Sânzio** – Rodolfo Teófilo não era médico, mas chegou a ser farmacêutico.

**Murilo** – Além da sua luta contra a varíola no Ceará, gostaria de chamar atenção para seu trabalho sobre o veneno de cobra. Ele observou que o permanganato de potássio, quando injetado no local da picada, coagulava o veneno da cobra. Dessa maneira, difundindo o resultado de suas experiências, ele conseguiu salvar milhares de pessoas do interior do estado.

**Sânzio** – Ele acabou com a varíola no Ceará.

**Murilo** – Respeito a figura de Rodolfo Teófilo pelo seu trabalho contra varíola, reconhecido pelo Congresso Nacional com o título de Varão Benemérito da Pátria.

No meu estudo sobre temas médicos na literatura tenho aprendido muita Medicina, principalmente sobre as doenças vistas com mais frequência no passado. Recentemente, li um conto de Artur de Azevedo falando da varíola hemorrágica no Rio de Janeiro. O Dicionário de Medicina Popular do Chernoviz, de 1890 discute pouco o assunto mas, a julgar pela descrição do conto do Artur de Azevedo, muita gente deve ter morrido dessa variante da doença no Rio antigo. Hoje nossa preocupação é o dengue hemorrágico.

**Sânzio** – Murilo, pela primeira vez eu vou entrar com um palpite: Sabino Batista, que era da Padaria Espiritual, morreu de varíola hemorrágica.

**Murilo** – Foi?

**Sânzio** – Varíola hemorrágica, em 1899.

**Murilo** – Também aprendo Medicina ao ler a biografia de escritores e homens ilustres. Marcos Teófilo, pai de Rodolfo Teófilo e Rocha Lima, por exemplo, faleceram de beribéri. Beribéri é uma doença descrita pela primeira vez por Bontius em 1642 e hoje está praticamente desaparecida.

**Sânzio** – É a falta de iodo?

**Murilo** – Não, é a falta de vitamina B1, a tiamina. Casos de beribéri eram, com frequência, vistos no século XIX. Fiz uma revisão do assunto na Enciclopédia Britânica e encontrei que o aumento da doença naquele período, principalmente nos países asiáticos, era devido ao vasto uso de arroz pilado. Pesquisas posteriores verificaram que na casca do arroz existia uma amina vital, a vitamina B1, que corrigia os sintomas da enfermidade. A raridade da enfermidade nos dias atuais deve-se ao uso de alimentos enriquecidos com vitaminas – entre elas a B1 - e sais minerais. O enriquecimento dos alimentos evita muitas enfermidades, porém está havendo o exagero de alguns nutrientes como o ferro e o ácido fólico, que estão sendo adicionados obrigatoriamente em todas as farinhas de trigo e de milho industrializadas no Brasil. Hoje, certamente, Rocha Lima e o pai do Rodolfo Teófilo não teriam tido a doença.

A biografia de Rui Barbosa trouxe-me também alguns ensinamentos. Carlos Chiacchio, ao concluir a biografia do grande jurista brasileiro, relata que no dia 27 de fevereiro de 1923, após uma discussão política, ele começou a sentir um "aperto doloroso na garganta".

Faleceu no dia seguinte com o diagnóstico de paralisia bulbar. Paralisia bulbar, todavia, é uma doença rara e de longa duração. Acho que ele faleceu de infarto do miocárdio, que com frequência produz sintomas semelhantes e que eram pouco conhecidos na época.

Outra biografia interessante é o da Florbela Espanca pois alguns tópicos de sua vida merecem ser esclarecidos. Ao ler sua correspondência no seu livro *Cartas e diários*, na parte referente à doença que teve na cidade de Olhão, no sul de Portugal, cheguei à conclusão que ela estava com tuberculose pulmonar. O quadro clínico e tratamento eram típicos dessa doença. Todavia, os autores não tocam nessa enfermidade.

Interessei-me muito por Molière considerando que ele era um grande crítico da Medicina de sua época. Li suas comédias e farsas do chamado "ciclo médico" que são: *Médecin volant*, *L'amour médecin*, *Don Juan ou Le festin de Pierre*, *Le médecin malgré lui*, *Monsieur Pourceaugnac* e *Le malade imaginaire*. É interessante ver como era atrasada a Medicina de sua época.

Gostaria de estudar, no futuro, outros temas interessantes como a peste e a morte na literatura.

**Sânzio** – Teve a peste negra, não é?

**Murilo** – As doenças virais produzem sempre uma diminuição do número de plaquetas no sangue, com hemorragias cutâneas e pele escura. É possível que a peste negra seja uma instância de varíola hemorrágica ou mesmo o dengue hemorrágico. Preciso achar dados nos livros antigos que confirmem essa ideia.

A descrição da morte merece ser estudada na Literatura. De que morreu Iracema? A morte de Madame Bovary, do livro do mesmo nome, é bem descrita pelo observador que narra a história. Seria muito difícil descrevê-la quando o autor usa a primeira pessoa? Para mim quem deve ter se aproximado mais do item morte foi Umberto Eco, no final do livro *A misteriosa chama da rainha Luana*

Tenho estudado também os poetas. Medicina é um dos temas prediletos de Manuel Bandeira. Analisei sua obra, proferi uma aula e escrevi um artigo na antologia da Academia Cearense de Letras com o título de *A Medicina de Manuel Bandeira*.

**Sânzio** – O Barão de Studart, que era médico, disse que o Lívio Barreto, morreu de congestão cerebral.

**Murilo** – É o mesmo que apoplexia. Discuti anteriormente esse assunto. O Houaiss registra sempre as datas em que os verbetes são introduzidos no dicionário.

**Sânzio** – Mas, o professor José Alves tem corrigido muitos itens.

**Murilo** – Entre eles o verbebo cólera-morbo. Disse que era de 1899, quando José Alves encontrou muito antes, em torno de 1860.

**Sânzio** – Muito obrigado, Murilo.

**Murilo** – Eu é que lhe agradeço pela oportunidade de discutir um assunto de grande interesse para mim.

Sânzio de Azevedo é professor, poeta, ficcionista, crítico literário, ensaísta e pesquisador de literatura cearense. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro é também membro da Academia Cearense de Letras.